rado para o fluxo comercial dos dois países;

- o patamar de flutuação dos preços internos está baixo e desestimula as importações de países mais distantes;

- a crise cambial na Tailândia parece não afetar mais profundamente o mercado. Os preços internos naquele país caíram cerca de 8% em meados de julho, mas ainda assim é mais compensador trazer o grão da Argentina e Uruguai, o que não altera o cenário previsto.

A produção nacional está sendo avaliada pela Conab em 9,6 milhões de toneladas, portanto, a menor safra da década de 90. O consumo permanece estagnado há três anos no patamar de 11,6 milhões de toneladas, o que indica queda no consumo *per capita* no período.

A expectativa da Conab é que no segundo semestre o mercado interno se abasteça com o produto oriundo dos estoques governamentais, da iniciativa privada e do Mercosul. O total a ser importado pelo país deverá chegar perto de 1,2 milhão de toneladas, base casca.

O governo anunciou no final de julho a liberação de R$50 milhões para financiamento da estocagem através do sistema EGF/SOV (Empréstimo do Governo Federal Sem Opção de Venda). A medida visa a conter a queda dos preços do produto no Rio Grande do Sul.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE

BANANA

Problemas na oferta

A oferta de produto exportável em nível mundial está aumentando e os preços estão em baixa no exterior. Internamente, o aumento do poder aquisitivo do consumidor de baixa renda tem ampliado o consumo de outras frutas.

Atualmente os mercados internacionais de frutas e seus derivados, como polpas e sucos concentrados, são os mais dinâmicos, segundo análise da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). A demanda por frutas tropicais é e continuará sendo bem elevada e é retroalimentada pelo turismo emissivo dos países industrializados. A fruticultura, neste aspecto, não foi afetada pelos resultados da Rodada Uruguai, do Gatt, já que as tarifas de importação vigentes nos mercados da União Européia, Japão e EUA, detentores de 70% das importações globais, eram baixas antes da Rodada — em sua maior parte inferiores a 10% (ver *Agroanalysis*, *16*(12), dez. 1996).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf), o comércio mundial de frutas movimenta cerca de 40 milhões de toneladas de frutas frescas, com países do Hemisfério Norte comprando 95% delas e produzindo 75% (30 milhões de toneladas). Devido a essa grande expressividade na demanda e também na oferta, os produtores do Hemisfério Sul começaram a ofertar produtos de contra-estação a esses países, ou seja, frutas de clima temperado, típicas da outra metade do mundo, como a maçã, fora de sua época tradicional de colheita em suas regiões de origem. Mas mesmo assim, apesar de o Chile ter sido sucesso nas exportações de nectarinas e kiwi e até o Brasil ter avançado na pomicultura, a fruta mais característica do continente latino-americano continua sendo a banana.

A produção mundial da fruta está na faixa dos 50 milhões de toneladas e quase todos os países do subcontinente que a produzem de forma mais empresarial, à exceção do Equador, estão organizados desde 1974 na União dos Países Exportadores de Banana (Upeb). Os integrantes da Upeb, que vêm a ser Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, República Dominicana e Venezuela, praticamente representam metade da exportação total da fruta. O Equador é o principal exportador mundial, com mais de 20% do total. Brasil e México juntos pouco ultrapassam os 3% das vendas globais.

A produção brasileira é a segunda maior do mundo (11% do total), perdendo apenas para a da Índia (14% do total). As exportações brasileiras totalizaram apenas 1,5% do que o país produz, ao passo que as indianas atingem 9% da produção. No caso brasileiro, é sabido que a pequena participação se deve ao fato de que não se alcançam aqui os padrões de qualidade exigidos lá fora e, como em todas as frutas, não há as variedades mais valorizadas no comércio exterior, ou se há não são em quantidade suficiente.

As quantidades exportáveis estão aumentando

Estudo da FAO, apresentado há algumas semanas, dá conta de que o mercado internacional da banana será bastante afetado pela grande oferta, em 1999. A demanda por importações deverá crescer 3,6% ao ano, no futuro próximo, saindo dos 10,6 milhões de toneladas registrados em 1995, para 12,2 milhões. A maior parte do crescimento será devida à forte demanda na Europa oriental, no Extremo-Oriente e na América Latina, áreas em rápida fase de transformações econômicas, compensando a retração que se verifica hoje na Europa ocidental. Os países desenvolvidos respondem por 88% das compras mundiais do produto.

A disponibilidade da fruta exportável também vai aumentar no período 1995-99, chegando a 12,87 milhões de toneladas. No último ano do período, poderá ocorrer excedente de 650 mil toneladas e haverá pouca possibilidade de recuperação da demanda na Europa e nos EUA. Como as indústrias da banana já parecem estar fazendo alguns ajustamentos necessários, a redução do excedente pode ser esperada também porque os preços mundiais mais baixos estão reduzindo os incentivos à expansão da produção latino-americana. A evolução dos preços internacionais pode ser vista na seção Panorama Internacional da edição de *Agroanalysis*, de junho de 1997, em que o Banco Mundial apresentou a queda ocorrida desde 1995, mais ainda considera o preço de 1999 ligeiramente acima do praticado quatro anos antes. O trabalho da FAO, portanto, vem acrescentar maior peso à possibilidade de que os preços internacionais situem-se na distribuição de probabilidade inferior mostrada no gráfico daquela seção.

Com efeito, como resultado da maior oferta, os preços afundaram em anos recentes. Nos EUA, o preço real da fruta importada caiu 15% entre 1990 e 1995. Isso tem obrigado países produtores altamente dependentes da receita de exportações da fruta a diversificar sua produção agrícola. Colômbia e Equador, por exemplo, estão optando por seringueiras e palmeiras, com vistas à extração do óleo de palma, concorrente do de soja. Os colombianos também já investiram bastante na floricultura, sob orientação norte-americana, para deslocar compradores de coca e se tornaram o segundo maior produtor mundial de flores. Na República Dominicana, a participação da banana nas exportações do país é de mais de 50% e o PIB fica na faixa dos 17%, percentual costumeiramente encontrado — e superado — nas pequenas economias do Caribe.

No Brasil também vigoram preços mais baixos

A banana equatoriana teve escassas repercussões no mercado interno, que continua isolado do que acontece no exterior e é poucas vezes influenciado pelo mercado mundial. Mas a chegada do produto no mercado brasileiro interferiu sensivelmente nas suas vendas para o Mercosul. Diante das dificuldades dos mercados interno e da União Européia, a fruta voltou-se para os vizinhos do Sul e ganhou posições com facilidade por seus critérios superiores, originariamente estabelecidos para alcançar mercados mais sofisticados.

Houve também forte influência de outras frutas no mercado interno da banana. Mesmo sem haver oferta destacada do produto, os preços ficaram este ano sem maior reação, pois os consumidores passaram a ter acesso a outras frutas, cujas importações aumentaram. Essa atratividade veio basicamente da atual disponibilidade do kiwi, da maçã ou da pêra; do pêssego e da nectarina, cuja produção brasileira atual também é capaz de apresentar produto de boa qualidade. Frutas cujos preços baixaram rapidamente, como as tangerinas, ou passaram a ser oferecidas fora de suas épocas de safra tradicionais, como o abacaxi e a melancia, também competiram apresentando preços competitivos.

É preciso considerar que na conjuntura de estabilização econômica, simultânea à abertura ao produto estrangeiro, os supermercados têm procurado valorizar seus espaços dedicados aos produtos perecíveis, que se transformaram em áreas capazes de diferenciá-los de seus concorrentes. Evidentemente, a fruta ou hortaliça de melhor apresentação para o consumidor adquire um novo *status* para a loja e pode afastar aquelas de aparência menos atraente.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

FEIJÃO

Mercado em baixa devido à boa oferta

Os preços do feijão carioca sempre foram mais altos nos meses de inverno, em função do intervalo entre a safra das águas e a safra da seca. A terceira safra se fortaleceu e entrou definitivamente para o calendário agrícola, melhorando o abastecimento e diminuindo a flutuação dos preços.

Este ano, um atraso na colheita da segunda safra das regiões Sul e Sudeste provocou uma concentração de oferta que fez declinar os preços no mês de julho. Remanescentes da segunda safra se somaram à safra de inverno, ou terceira safra, tornando o mercado francamente vendedor. A conjugação desse fato com a retração sazonal do consumo nesta época do ano, devido ao período de férias escolares, ajudou a manter a recente fase baixista do mercado.

O atraso na colheita da segunda safra gerou diminuição de oferta em